

Psicanálise e o feminismo de Beauvoir: O indizível d'a mulher

*Julia Bertoni Guagneli¹
Thayná da Silva Calderaro²*

Resumo

Psicanálise e feminismo são estudos que, apesar de distintos, se encontram em seus desenvolvimentos. Ainda que se fundamentem em pressupostos divergentes e compartilhem de embates significativos, é inegável a influência entre os movimentos, principalmente quando se trata de um mesmo objeto de estudo: a constituição do ser mulher. É esse encontro de tema que nos leva a investigar, através de um estudo de revisão narrativa da literatura, o livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir e textos pontuais de Sigmund Freud e Jacques Lacan a respeito da sexualidade feminina, a fim de mapear as teorias, compreendendo o que consideram como constitutivo da mulher. É perceptível que enquanto Freud analisa o desenvolvimento feminino por meio de uma argumentação biológica e fálica, Beauvoir fundamenta seu estudo sobre as mulheres a partir de perspectivas culturais e sociais, já Lacan estrutura sua teoria sobre o tema se baseando na lógica, na linguagem e nos modos de gozo. A partir dessa investigação sobre as considerações dos autores, torna-se possível compreender como as teorias se amplificam com o passar dos anos, se aproximando e trazendo elaborações sobre o feminino para um lugar contemporâneo menos restritivo.

Palavras-chave: Feminino; Mulher; Psicanálise; Feminismo.

Psychoanalysis and Beauvoir's feminism: The unspeakable of women

Abstract

Psychoanalysis and feminism are studies that, although distinct, are found in their developments. Even though they are based on divergent assumptions and share significant clashes, the influence between the movements is undeniable, especially when it comes to the same object of study: the constitution of being a woman. It is this encounter of theme that leads us to investigate, through a study of narrative literature review, the book *The Second Sex*, by Simone de Beauvoir and specific texts by Sigmund Freud and Jacques Lacan about female sexuality, in order to map the theories, understanding what they consider as constitutive of women. It is noticeable that while Freud analyzes female development through biological and phallic argumentation, Beauvoir fundamentals his study of women from cultural and social adolescents, while Lacan structures his theory on the subject based on logic, language and modes of enjoyment. From this investigation on the authors' considerations, it becomes possible to understand how theories become broader over the years, approaching and bringing the elaborations about the feminine to a less restricted contemporary place.

Keyword: Female; Woman; Psychoanalysis; Feminism.

¹ Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

² Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

Diversas foram as teorias que, ao longo dos anos, buscaram definir o que é a mulher. Psicanálise e feminismo, apesar de abordarem o tema de maneiras distintas, inegavelmente se encontram quando, de forma profunda e ampla, se dedicam ao estudo do feminino e dos impasses do ser mulher. Tais teorias se desenvolveram, em partes, contemporaneamente, e ao longo do século XX se chocaram e se cruzaram ao traçarem o conceito de mulher.

A psicanálise se desenvolveu com Sigmund Freud, que apesar de publicar sua primeira grande obra em 1900, iniciou os estudos psicanalíticos no século XIX. Quando ainda atuava na medicina, Freud se deparou com o que protagonizaria o início da psicanálise: mulheres, ditas histéricas, que apresentavam diferentes sintomas, como paralisia ou mutismo, sem nenhuma causa biológica aparente. A histeria — termo derivado da palavra grega correspondente a útero —, segundo o médico Hipócrates (± 400 a.C.), designaria uma condição médica associada a uma perturbação uterina, ou seja, desordem essencialmente feminina. Foi a partir do encontro entre histeria e feminino que Freud começou a desenvolver a teoria da sexualidade, progressivamente desvinculando sexualidade de genitalidade e atrelando a sexualidade adulta à construção da sexualidade infantil, que segundo o autor se inicia na primeira infância. É na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* que Freud (1905) faz considerações sobre como a incidência da sexualidade constitui o sujeito, estabelecendo possíveis diferenças entre feminino e masculino.

Apesar de Freud ter sido um dos primeiros homens que se propôs a escutar as mulheres, ele se encontrava imerso em uma época pouco progressista quanto à igualdade de gênero, o que, por momentos, refletiu em sua obra, acarretando diversas críticas. Após Freud (1925) publicar a obra *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos*, a psicanalista Karen Horney (1926) sugeriu que, devido a psicanálise ser uma produção da especulação masculina, diversos impasses incontornáveis surgiriam. Além disso, as colocações freudianas que abordam o desenvolvimento da feminilidade como embaraçoso e incompleto, e sua teoria sobre o destino maternal da mulher foram concepções amplamente discutidas por psicanalistas como Melanie Klein, Helene Deutsch e Marie Bonaparte.

Já o movimento feminista teve significativo desenvolvimento nos séculos XIX e XX, principalmente nos Estados Unidos e Reino Unido. Em diversas manifestações, mulheres insatisfeitas com a opressão e submissão que sofriam, reivindicavam seus direitos à igualdade jurídica, buscando liberdade e autonomia. Em 1949, Simone de Beauvoir, importante autora relacionada a temática, publicou os dois volumes do livro *O Segundo Sexo: Fatos e Mitos*, e *A Experiência Vivida*, obras de suma importância para o movimento.

No século XX, principalmente nas décadas de 60 e 70, o francês Jacques Lacan, que se dedicava à investigação teórica psicanalítica, retomando e reformulando conceitos freudianos, passou a ser alvo de críticas de teóricas feministas francesas, às quais buscou responder. Assim, em Seminário XX – Mais, ainda, Lacan (1972-1973) desenvolve que as noções de homem e mulher não são mais que significantes e que a mulher seria o intraduzível da linguagem, o indizível que deve encontrar significação individual e singular através do gozo próprio.

Devido aos percalços ocasionados pelas diferenças de ponto de vista, tem-se a impressão de que psicanálise e feminismo nada têm em comum, ou ainda que não poderiam ser áreas de estudo que se influenciam e se complementam. Portanto, o objetivo deste artigo de revisão narrativa da literatura acerca de textos pontuais dos autores Freud, Lacan e Beauvoir, é aproximar psicanálise e feminismo, discutindo seus encontros e distanciamentos, abordando como cada uma das teorias compreende a constituição da mulher.

2 A Mulher e o Feminino Segundo o Feminismo de Simone de Beauvoir

“Ela tem uma grande preocupação por tudo que ocorre dentro dela; é desde o início muito mais opaca a seus próprios olhos, mais profundamente assaltada pelo mistério perturbador da vida.” (Beauvoir, 1949).

2.1 Breve Histórico do Feminismo

Desde sua etimologia, as palavras mulher e feminino são relacionadas a algo frágil e vulnerável. Segundo Tiburi (2018), no livro *Feminismo em comum: para todas, todes e todos*:

O nome mulher (“mulier” deriva de “mollis”, que em latim significa “mole”) bem como o termo feminismo (que vem de “feminino”, “fides minus”, “com menos fé”) têm uma origem complexa e não teriam se tornado positivo para muitas pessoas sem um grande esforço interpretativo de ressignificação. (Tiburi, 2018, p. 88).

Para além do significado original da palavra, de acordo com Garcia (2011), em seu livro *Breve história do feminismo*, o feminismo é um movimento social que busca igualdade entre homens e mulheres. O termo, utilizado inicialmente nos Estados Unidos, em 1911, surge para nomear a luta pelos direitos e liberdades das mulheres em diferentes âmbitos.

Historicamente o movimento feminista é dividido em ondas. Alguns autores o dividem em três e outros em quatro ondas; aqui, seguiremos a divisão feita por Garcia (2011). Segundo a autora,

a primeira das quatro ondas começa por volta de 1673, com a publicação do texto Sobre a igualdade entre os sexos, de Poullain de la Barre, e vai até o final do século XVIII. A segunda onda teria se iniciado no século XIX, período em que o feminismo foi reconhecido internacionalmente como movimento social. Nessa época as mulheres se organizaram pelo movimento sufragista, que, entre outros, lutava pelo direito da mulher ao voto. Foram inúmeras manifestações, greves de fome e prisões, tendo como referência literária dessa época o livro Uma Reivindicação pelos Direitos da Mulher, de Mary Wollstonecraft (1792).

Em meados de 1960, década em que apareceu pela primeira vez como uma causa libertária, o movimento denunciava a dominação masculina, lutando por uma nova forma de relacionamento entre os sexos e reivindicando o espaço da mulher no trabalho, estudo e vida pública. Essa é a chamada terceira onda feminista, repleta de críticas ao modelo de conjugalidade e à sexualidade reprodutiva, e de exigências pelo fim da violência contra a mulher (Garcia, 2011).

Esse é o momento em que, dentre a vasta literatura feminista, alguns livros ganham destaque e passam a servir de referência à teoria do feminismo, entre eles, dois serão abordados no presente artigo: O Segundo Sexo, dividido em dois volumes: Fatos e Mitos e A Experiência Vivida, escritos por Simone de Beauvoir, escritora e filósofa francesa e publicados em 1949. São os escritos de Beauvoir que alicerçaram a terceira onda feminista e que trouxeram, de forma gradual, os holofotes ao movimento, delineando os conceitos de feminino e de mulher.

Por volta de 1990 surge então a quarta onda feminista, marcada por mudanças de estratégias e tentativas de correção de falhas deixadas pelas fases anteriores, já que, até então, a mulher contemplada pelo feminismo era branca, de classe média, cisgênero e heterossexual, o que deixava muitas demandas de fora do debate, sem considerar, por exemplo, raça e classe. Um destaque no início da quarta onda é o livro Problemas de Gênero (1990), de Judith Butler.

Atualmente, não existe um feminismo, mas diferentes correntes de pensamento, tais como: feminismo radical, feminismo liberal, feminismo negro, feminismo da diferença, feminismo decolonial, entre outros (Garcia, 2011). O movimento feminista fez um caminho democrático para que pudesse abarcar as especificidades de cada mulher, evidenciando as perdas de direitos das mulheres durante toda a construção de nossa sociedade, as instituições que constroem a normatização e um fazer científico com pressupostos reguladores, que não permitem desviantes.

2.2 Tornar-se Mulher: o Feminismo de Simone de Beauvoir

A frase mais repercutida da teoria feminista, escrita por Beauvoir (1949) no segundo volume do livro *O Segundo Sexo*, diz sobre a constituição do que é ser uma mulher:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (Beauvoir, 1949, p. 11).

Ao fazer esta afirmação, a autora defende a ideia de que é a vida em sociedade e o contato com o outro que ditam a maneira que o ser humano deve agir, se comportar, se colocar no mundo, conforme o que se espera de seu sexo anatômico naquela civilização. Isto é, se já na primeira infância uma criança apresenta um comportamento sexualmente determinado, seguindo a construção social do que se espera de um menino ou de uma menina, seria pela influência de outrem.

Segundo Beauvoir (1949) a criança passa a reconhecer seu corpo, se separar dos objetos e ver sua imagem no espelho por volta dos seis meses de vida. Para a autora, até aproximadamente os 12 anos, a criança vê o corpo como um meio que possibilita a compreensão do mundo, sendo que a menina e o menino manifestam as mesmas capacidades físicas e intelectuais. Conforme cresce, o lugar que a criança ocupa na posição familiar muda; ela não é mais o centro das atenções, não recebe colo a todo o momento e não tem todos a seu dispor. Na tentativa de negar o afastamento da mãe, a criança passa a insistir na busca por acolhimento materno, aproximando-se inclusive de outros adultos.

Para a autora há ainda uma espécie de segundo desmame, que Beauvoir define como “menos brutal, mais lento do que primeiro, subtrai o corpo da mãe aos carinhos da criança” (Beauvoir, 1949, p. 12), em que as carícias com a criança passam a ser menos frequentes. Neste ponto, as meninas parecem privilegiadas a princípio, pois elas permanecem recebendo carinhos e cuidados por um tempo maior, justamente pela ideia de que a menina precisaria de maior proteção e atenção que o menino. Enquanto isso, o menino passa a ouvir que deve se comportar como um homem, e se afasta dos cuidados dos adultos, ganhando maior confiança deles. Para a autora: “É libertando-se dos adultos que ele conquista o sufrágio deles” (Beauvoir, 1949, p. 12), ou seja, ao se afastar desses cuidados, mostra que segue buscando a independência que se espera de um homem.

Outro ponto relevante aparece quando a autora faz referência aos órgãos sexuais das crianças. Enquanto mães e cuidadores valorizam o órgão sexual do garoto, o mostram, falam dele, o

órgão sexual das meninas não recebe atenção, como se fosse algo secreto. Beauvoir (1949) diz que essa supervalorização do pênis seria uma espécie de tentativa de compensação pelo segundo momento de desmame, mais evidente para os meninos; como se a exigência de independência dos meninos viesse pela ideia de serem mais fortes, superiores, e essa virilidade aparecesse como forma de encorajamento e motivo de orgulho para o menino, o que seria simbolizado pelo pênis.

Beauvoir (1949) afirma que, para a menina, a diferença sexual mais relevante está no fato de urinarem sentadas, ao passo que os meninos urinam de pé. Para o sexo feminino, o processo é, então, mais complexo. Segundo a autora, essa seria uma espécie de vantagem dos homens, que pode fazer com que a menina deseje o órgão masculino, no entanto, esse privilégio não seria relevante o suficiente para gerar um sentimento de inferioridade. Ao fazer referência à teoria psicanalítica freudiana, Beauvoir (1949) diz que, para a menina, a ideia de que a descoberta do pênis por si só geraria um trauma não condiz com a mentalidade infantil:

Os psicanalistas que supõem, segundo Freud, que a simples descoberta do pênis bastaria para engendrar um traumatismo, desconhecem profundamente a mentalidade infantil; esta é muito menos racional do que parecem imaginar; ela não põe categorias definitivas e não se embaraça com a contradição. (Beauvoir, 1949, p. 21)

No entanto, a autora parece concordar parcialmente com a ideia psicanalítica de que, durante a infância, a criança tende a acreditar na primazia do falo, entendendo que nas mulheres o órgão é cortado pelos pais. Porém, Beauvoir crê que a criança não vê a ideia de castração como uma punição:

Não sente essa ausência como uma falha; seu corpo é evidentemente uma plenitude para ela, mas ela se acha situada no mundo de um modo diferente do menino e um conjunto de fatores pode transformar a seus olhos a diferença em inferioridade. (Beauvoir, 1949, p. 16).

Beauvoir (1949) nos diz ainda que é a valorização dos pais, educadores e do ambiente social como um todo, que fazem com que o órgão masculino se torne um privilégio, e que a feminilidade seja caracterizada como passiva. O fato de essa ideia ser reforçada pelos pais e pela sociedade não dá a menina o incentivo de se assumir como um sujeito, e a coloca em posição de objeto, que vive em busca de agradar e satisfazer as necessidades e vontades de outrem.

Conforme a menina cresce e tem maior percepção do mundo em que vive, a superioridade masculina vai se reforçando à medida que entende que vivemos em uma sociedade construída por homens e para homens. Isso é evidenciado fortemente pelos grandes impasses que uma mulher, quando comparadas aos homens, encontra ao sair da bolha doméstica. Beauvoir (1949) acredita que

não é somente a descoberta do órgão sexual masculino que modifica a consciência que a menina tem de si, mas principalmente a percepção da posição superior que o homem ocupa na sociedade.

3 A Mulher e o Feminino Segundo a Teoria Psicanalítica Freudiana

Existem satisfações e segredos nas mulheres. Qual o segredo da mulher? Ela o carrega consigo e não precisa de um pênis (...). Tudo o que Freud nos diz do complexo de castração na mulher é verdade, mas não passa de metade da história da mulher. (Rivière, 1934)

Foi em 1890 que Sigmund Freud, um dos primeiros estudiosos a se dedicar aos impasses da histeria, iniciou o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Nessa época, a histeria era compreendida como resultado da crise da feminilidade, vivida pelas mulheres no século XIX. Matéria prima dos primeiros estudos da psicanálise, a histeria se tornou objeto de estudos de Freud a partir dos atendimentos de Bertha Pappenheim, a famosa Anna O., realizados inicialmente por seu amigo Josef Breuer (1842-1925), médico clínico que, ao descrever o caso à Freud, apontou a precipitação de significativos sintomas corporais. Porém, foi apenas diante do caso de Srta. Elisabeth Von R., datado de 1892, que Freud, impulsionado pelo desejo de entender as possíveis relações entre sexualidade e histeria, realizou sua primeira análise integral de uma histérica.

De modo a compreender possíveis diferenças no desenvolvimento da menina e do menino e de como isso poderia levar ao desdobramento da histeria, Freud avança nos estudos sobre a sexualidade. Em Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, Freud (1905) estabelece que é na puberdade que se consolida a elaboração do que é disposto como feminino e masculino, porém, segundo ele, ainda na infância é possível reconhecer tais disposições que ditam essas composições. É nesse momento de seus estudos que o autor propõe a teoria da sexualidade infantil e a existência de três fases da sexualidade — a oral, a anal e a fálica —, assim como o período de latência e o estágio genital, importantes para o desenvolvimento do masculino e do feminino segundo a psicanálise freudiana. Aqui nos atentaremos às consideráveis mudanças vividas na fase fálica.

De acordo com Freud (1905), é na fase fálica que a criança desloca a atenção para os órgãos genitais, o que resulta na descoberta das diferenças sexuais e em maiores desdobramentos da sexualidade infantil. É nessa etapa que se instaura o complexo de Édipo, fenômeno inconsciente produtor da subjetividade, dado no período da primeira infância e mobilizado por afetos, pulsões e representações ligadas aos pais. O complexo edipiano apresenta direcionamentos distintos em

meninos e meninas e é determinante na constituição do desejo e, conseqüentemente, no desenvolvimento sexual. Para Freud (1924), em a Dissolução do Complexo de Édipo:

O complexo de Édipo ofereceu à criança duas possibilidades de satisfação, uma ativa e outra passiva. Ela poderia colocar-se no lugar de seu pai, à maneira masculina, e ter relações com a mãe, como tinha o pai, caso em que cedo teria sentido o último como um estorvo, ou poderia querer assumir o lugar da mãe e ser amada pelo pai, caso em que a mãe se tornaria supérflua. (Freud, 1924, p.196)

O menino, segundo Freud (1905), no complexo de Édipo passa por escolhas mais fluidas e menos complexas que a menina, passando da rivalidade com o pai à identificação da mãe como primeiro objeto de amor, o que define o desejo sexual masculino. Para Freud (1905), esse é considerado o desdobramento normal do complexo edipiano.

Inicialmente o desenvolvimento da sexualidade da menina é comparado ao do menino, porém seu desenrolar se dá por meio de um confuso enredo. Segundo Freud, em Conferência XXXIII – Feminilidade (1933), no período que antecede o complexo de Édipo, a menina, assim como o menino, possui uma fixação materna, elegendo a mãe como o primeiro objeto de amor e tomando o pai como um rival incômodo. Nesse sentido, a sexualidade feminina inicia sua composição a partir de intensa ligação a um objeto do mesmo sexo, sendo esta ambivalente, já que a mãe é objeto de ilimitadas exigências e também, a responsável pela proibição de atividades sexuais (masturbação).

De acordo com Freud (1933), a menina, ao descobrir a diferença anatômica dos órgãos sexuais, constata que, como a mãe, ela é privada do pênis, assim a fantasia infantil a leva a crer que a falta do órgão tem um valor de rebaixamento, de punição. Essa descoberta de que a mãe — seu objeto de amor — não é uma mãe fálica, leva a menina a responsabilizá-la por essa falta, a rejeitá-la com ódio, reagindo à ausência do pênis com a angústia da castração. Segundo Freud (1933):

Seu amor estava dirigido a mãe fálica; com a descoberta de que sua mãe é castrada, torna-se possível abandoná-la como objeto, de modo que os motivos de hostilidade, que há muito se vinham acumulando, assumem o domínio da situação. Isso significa, portanto, que, como resultado da descoberta da falta de pênis nas mulheres, estas são rebaixadas de valor pela menina, assim como depois o são pelos meninos, e posteriormente, talvez, pelos homens. (Freud, 1933, p. 126).

Assim, segundo a teoria freudiana, a menina imagina ter sido castrada e sofre com a inveja ao pênis, o que leva a substituição do desejo de ter um pênis pelo desejo de ter um bebê junto ao pai, instaurando o complexo de Édipo na menina. É a esperança da restituição fálica pela

maternidade, a rivalidade com a mãe e o amor pelo pai que, associados a uma série de acontecimentos do cotidiano da menina, a levam ao encontro com a feminilidade. Segundo Maria Rita Kehl (2008) em *Deslocamentos do Feminino*:

Para Freud, é a decepção com a masculinidade imaginária que lança a menina na posição feminina, associada à passividade sexual (...), mas a passividade, assim como os recursos sedutores e encobridores (da castração) que ela constrói ao identificar-se com a mãe, e que constituem a feminilidade, revelam não uma desistência e sim apenas um adiamento da posse fálica. A feminilidade é um truque, e a posição feminina, um sacrifício temporário oferecido pela mulher freudiana ao homem em troca de um único interesse verdadeiro: o filho-falo. (Kehl, 2008, p. 196).

Nesta fase, de acordo com a teoria freudiana, se faz necessário notar que nos meninos a dissolução do complexo de Édipo é desencadeada pela ameaça da castração. Já nas meninas é a angústia de castração já consumada, que a introduz no complexo de Édipo, sendo esta uma tentativa de obter a restituição fálica.

Em consequência, após o complexo de castração, o superego é estabelecido. O superego assume posição estrutural no psiquismo do sujeito, sendo um controlador da moralidade, responsável pelo rigor da consciência. Com ele estabelecido as tendências incestuosas cessam. O superego, de acordo com Freud (1933):

O superego, que assim assume o poder, a função e até mesmo os métodos da instância parental, é, porém, não simplesmente seu sucessor, mas também realmente seu legítimo herdeiro. Procede diretamente dele, e verificaremos agora por que processo. Antes, porém, atentemos para uma discrepância entre os dois. O superego parece ter feito uma escolha unilateral e ter ficado apenas com a rigidez e severidade dos pais, com sua função proibidora e punitiva, ao passo que o cuidado carinhoso deles parece não ter sido assimilado e mantido. (Freud, 1933, p.68)

Porém, segundo Freud (1933), o superego feminino é mais frágil e maleável, pois, devido à inveja ao pênis, a menina busca se desligar do forte apego à mãe se refugiando na situação edípiana. Assim, as meninas permaneceriam no complexo de Édipo por tempo indeterminado, o abandonando de forma incompleta, o que levaria o superego a sofrer prejuízos, não alcançando a independência e amplitude que atribuiriam a menina sua relevância cultural (Freud, 1933).

Dando continuidade à teoria, Freud (1933) delineia que a menina teria três possíveis saídas a castração, determinando sua sexualidade, que seriam: tornando-se frígida e recusando a feminilidade, cobiçando o pênis do pai e assumindo a homossexualidade, ou por meio da maternidade, onde obteria a representação do falo pelo bebê, desenvolvendo assim a feminilidade.

Para Freud (1933), na primeira saída citada a menina se afasta da sexualidade devido a insatisfação da comparação de seu clitóris com o pênis. A segunda saída decorre do apego à masculinidade ameaçada e da fantasia de ser homem presente antes da descoberta das diferenças anatômicas. E a terceira saída se dá quando a menina toma o pai como objeto de amor e se identifica com a mulher que a mãe é por meio da maternidade, conseguindo alcançar assim a feminilidade.

Para Freud (1933), diferente do menino, que tem seu desenvolvimento sexual finamente delineado e preciso, a menina teria duas grandes tarefas durante o desenvolvimento da sexualidade: a de trocar de objeto de amor original na primeira infância, fator que exige grande gasto de energia psíquica, e a transferência de zona erógena na maturidade sexual, onde a menina abandona o clitóris como única zona erógena, e estende o prazer à vagina, tornando seu desenvolvimento ainda mais complexo. Na Conferência XXXIII – Feminilidade, Freud (1933) aborda que a feminilidade seria um enigma que a psicologia seria incapaz de solucionar. Para ele, devido à natureza peculiar do que é caracterizado como feminino, a psicanálise não buscaria compreender o que é uma mulher, restringindo sua busca às formas de desenvolvimento da mesma. Segundo Ernest Jones (1989), foi em um dito à princesa Marie Bonaparte que Freud evocou o que seria um dos grandes impasses de sua obra: “a grande questão, que nunca foi respondida e que ainda não sou capaz de responder, a despeito de meus trinta anos de pesquisa da alma feminina, é ‘Que deseja a mulher?’” (Jones, 1989, p. 416).

Freud (1926) em A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial, ao abordar a sexualidade da mulher adulta como “continente negro” e ao postular, em 1933, na Conferência XXXIII – Feminilidade a maternidade como “feminilidade normal”, acabou, indiretamente, influenciando a posição de alguns psicanalistas quanto às aspirações das mulheres na modernidade. O autor trouxe ainda passagens como “Também consideramos as mulheres mais débeis em seus interesses sociais e possuidoras de menor capacidade de sublimar os instintos, do que os homens” (Freud, 1933, p.133), contribuindo com a visão de que a mulher é menos capaz e que possui condição inferior ao homem, este detentor de algo que escapa da mulher. Porém, se faz necessário observar que Freud manteve por vezes um ponto de vista conservador sobre as mulheres e o feminino, sobretudo devido à época a qual pertencia, o que não deixa de ser passível de crítica.

Nos estudos de Freud se torna claro que a conquista da feminilidade para as mulheres é mais embaraçosa e complicada do que a constituição da masculinidade para os homens, já que em seus escritos o feminino permanece atrelado a fantasiosos traços de identificação masculina, que foram insuficientemente recalcados. O famoso aforisma de Beauvoir (1949), presente no segundo volume

do livro *O Segundo Sexo*, no qual demarca que “Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1949, p. 11), parece traduzir bem o percurso do ser mulher para Freud, já que, segundo sua teoria, a mesma passa por uma árdua elaboração para ascender à posição feminina. A teoria freudiana, apesar de bem desenvolvida e complexa, deixa lacunas e abre questionamentos sobre os destinos da pulsão feminina: afinal, para Freud, a feminilidade se baseia no desejo de ser mãe ou no desejo de ser homem? São indagações como essa que levaram outros estudiosos da psicanálise a, mais tarde, darem prosseguimento nos estudos sobre o indizível do feminino.

4 A Mulher e o Feminino Segundo a Teoria Psicanalítica Lacaniana

Nesse campo poético, o objeto feminino é esvaziado de toda substância real.
(Lacan, 1959-60)

Jacques Lacan, grande nome da psicanálise, iniciou seus estudos psicanalíticos retomando a teoria freudiana e se dedicando assiduamente a revisitar termos e ideias elaboradas por Freud, as reformulando de forma rigorosa e precisa. Ao retomar a teoria freudiana a respeito do feminino, Lacan (1972-1973), no Seminário XX, ainda, ressalta que Freud, apesar de trazer à tona questionamentos acerca da constituição da mulher e de seu desejo, suscitou por vezes indagações e possibilidades que não foram levadas adiante.

No que diz respeito à sexualidade, Lacan trabalha a temática de forma distinta a abordada por Freud, deslocando a questão para além da diferença anatômica. Em *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*, Fuentes (2009) aborda que, para Lacan, as categorias de homem e mulher seriam semblantes baseados em atribuições do discurso cultural para dar conta do que, a princípio, não é por si só determinante.

De modo geral, para a psicanálise lacaniana, o real do sexo se articula ao falo, sendo este o que orienta o sujeito na partilha sexual. Em *A significação do falo*, Lacan (1958) aborda o falo não pela sua condição imaginária, enquanto imagem do órgão sexual masculino, mas como significante do desejo, estruturação sexual fundamental tanto para o homem quanto para a mulher. Segundo ele:

O falo é aqui esclarecido em sua função. Na doutrina freudiana, o falo não é uma fantasia, caso se deva entender por isto um efeito imaginário. Tampouco é, como tal, um objeto (parcial, interno, bom, mau etc.), na medida em que esse termo tende a prezar a realidade interessada numa relação. E é menos ainda o órgão, pênis ou clitóris, que ele simboliza. (Lacan, 1958, p. 696).

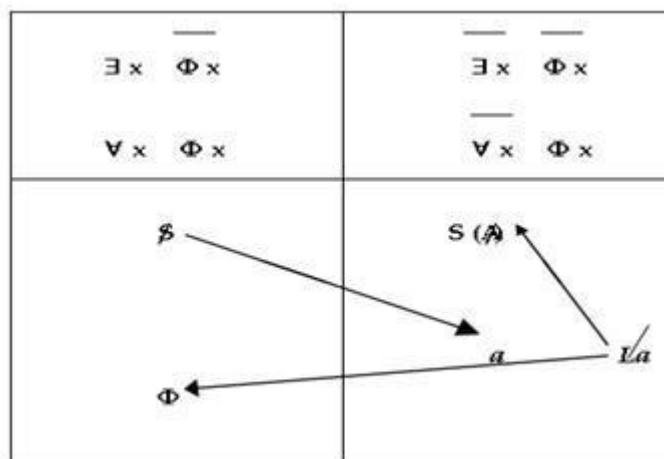
Dessa maneira, para Lacan (1958), os sexos se relacionam a partir da castração da função do falo, de sê-lo ou tê-lo. Ao falar da função constitutiva do falo, o autor coloca tal significante como aquele que aloca o sujeito em sua posição sexual e em sua existência, sendo este também um regulador de gozo: “O falo é o significante privilegiado dessa marca, onde parte do logos se conjuga com o advento do desejo” (Lacan, 1958, p. 692).

Considerando a lógica fálica, no que diz respeito à partilha sexual, Lacan (1972-1973), em O Seminário, livro 20: Mais, ainda, propõe a separação entre masculino e feminino por meio das modalidades de gozo. Segundo Lacan (1960), no Seminário, Livro 7: A ética da psicanálise, o gozo pode ser entendido como uma satisfação pulsional que independe do prazer, um movimento em busca de um objeto fora do significado. Em suas palavras:

Problema do gozo, visto que ele se encontra como que soterrado num campo central, com aspectos de inacessibilidade, de obscuridade e de opacidade, num campo cingido por uma barreira que torna seu acesso mais do que difícil ao sujeito, inacessível, talvez uma vez que o gozo se apresenta não pura e simplesmente como a satisfação de uma necessidade (besoin), mas como a satisfação de uma pulsão. (Lacan, 1960, p. 256).

Lacan (1972–1973), ao propor a teoria do gozo feminino e masculino, mantém tais termos como uma representação dialética entre duas modalidades de gozo distintos. Segundo Lacan (1972–1973) o primeiro deles, o gozo fálico, dito masculino, remete à submissão toda à lógica fálica e é aquele que, por ter uma exceção, forma um conjunto fechado, em que há Um. O outro é o gozo feminino, não-todo regido pelo falo e, que, portanto, não faz Um. Esta teoria da sexuação é formalizada por meio da lógica e da matemática, em que Lacan (1972–1973, p.84) apresenta a Tábua da Sexuação:

Figura 1.
Tábua da Sexuação



Fonte: Lacan (1972/1973, p. 84)

A Tábua da Sexuação (**Figura 1**) é dividida em quadrantes: o lado esquerdo faz referência ao homem e o lado direito, à mulher; o quadrante superior-esquerdo diz da possibilidade de existência do homem; enquanto o superior-direito, diz da possibilidade de existência da mulher. Já o quadrante inferior-esquerdo se refere à modalidade de gozo masculina; enquanto o inferior-direito se refere às modalidades de gozo feminino.

A parte superior refere-se às possibilidades de existência em relação à função fálica, sendo o lado esquerdo referente à posição masculina, e o direito à posição feminina, estas independentes do gênero. Atenta-se que a separação de homem/mulher, segundo Lacan (1972–1973), se deveria a semblantes, lugares construídos pela linguagem, e não por uma ideia biologicista; para o autor, todo ser falante se inscreve de um dos lados da tábua.

Lacan (1972–1973) orienta que a parte superior esquerda é caracterizada pela possibilidade de existência do homem frente à lei fálica, em que há um conjunto de todos os homens, que só pode se formar por existir uma exceção, pois para todos submetidos à castração, existe um que nega à função fálica. Essa exceção se baseia no mito Totem e Tabu, escrito por Freud (1913), em que há o Pai da Horda Primitiva, ao qual pertencem todas as mulheres e a função fálica não se inscreve, já que é uma exceção à castração. Ou seja, com a exceção do pai da horda, se faz possível a formação de conjunto homogêneo de gozo limitado, um gozo todo fálico. No lado direito da parte superior, segundo Lacan (1972–1973), não há uma exceção que negue a função fálica, e por essa razão, há a impossibilidade de formação de um conjunto universal do lado feminino.

Assim, segundo a teoria lacaniana, ao passo que os homens lidam com a identificação a um grupo, a mulher se constitui pela diferença. Esta é a razão pela qual Lacan (1972–1973), ressalta em O Seminário 20 que A mulher não existe, pois segundo sua teoria, ela é não-toda e a mulher não existe enquanto categoria universal, enquanto um conjunto com o qual todas se identifiquem, o que, no entanto, não impede a existência das mulheres de forma particular, uma a uma. Nas palavras do autor: “A mulher, isto só se pode escrever barrando-se o A. Não há A mulher, artigo definido para designar o universal. Não há A mulher, pois – já arrisquei o termo, e por que olharia eu para isso duas vezes? – por sua essência ela não é toda” (Lacan, 1972–1973, p. 79).

Lacan (1972–1973) ao se referir a inexistência d’A mulher, diz da não existência de um significante-mulher, comum à toda mulher, ao não fechamento de um conjunto. Esse importante

aforismo lacaniano resultou em diversas críticas feministas, como, por exemplo, quando Luce Irigaray diz: “A mulher não existe, mas a linguagem existe. Que as mulheres não existem nessa linguagem — uma linguagem — regida por um mestre, que ela ameaça — como uma espécie de “realidade pré-discursiva”? — que perturba sua ordem” (Irigaray, 1977, p. 89). Ou seja, para ela, a ideia de que as mulheres possam ser encaradas apenas uma a uma, seria uma estratégia com a finalidade de impossibilitar que a mulher alcance uma representação discursiva. Rafael Cossi (2016), alerta que:

Parece-nos que Irigaray lê Lacan literal ou concretamente. Se parece funcionar para seus propósitos políticos, pensamos que o imaginariza e não considera muitas outras possibilidades de leitura decorrentes do enunciado “A mulher não existe” [...]. (Cossi, 2016, p.45)

Ainda sobre a crítica de Irigaray, Cossi acrescenta: “Localizar o não-todo do discurso na mulher é uma forma de fazer com que a falta do indizível seja suportada [...]” (Cossi, 2016, p.45). Lacan (1972–1973), com este aforismo, cria um espaço de invenção, de liberdade, para que uma a uma as mulheres inventem sua existência singular enquanto mulher. No Seminário XX – Mais, ainda, o autor completa: “Além disso, é impropriamente que o chamamos a mulher, pois, como sublinhei da última vez, a partir do momento em que ela se enuncia pelo não-todo, não pode se escrever.” (Lacan, 1972–1973, p. 86). Portanto, para Lacan (1972–1973) é pela impossibilidade de se fazer um conjunto de mulheres, pela falta do significante que represente a mulher, que a mesma se constitui pela singularidade.

Já na parte inferior da Tábua da Sexuação, Lacan (1972–1973), diz das modalidades de gozo. De acordo com o que é expresso na parte inferior esquerda, o homem atinge a mulher por meio do objeto a, ou seja, por meio de uma relação fetichizada em que o homem se relaciona apenas com uma parte da mulher. Já o lado direito da parte inferior, segundo Lacan (1972–1973), faz referência ao gozo da posição feminina, um gozo outro, que não é complementar ou paralelo ao gozo masculino, mas sim suplementar, definido como um gozo não-todo. Assim, segundo a teoria lacaniana, aquele alocado na posição feminina goza não-todo com o falo. Parte deste gozo pode se referir à função fálica, se fazendo objeto do desejo para encontrar uma nomeação, mas há outra parte que não se nomeia. Lacan diz ainda que a própria mulher só sabe desse gozo o que experimenta: “Há um gozo dela, desse ela que não existe e que não significa nada. Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe.” (Lacan, 1972–1973, p. 80).

Lacan, ao sintetizar esta parte da Tábua da Sexuação propõe o pensamento de que “Não há relação sexual” (Lacan, 1972–1973, p.64), nos mostrando que há duas modalidades de gozo que não se relacionam e não são proporcionais. Aqui, é preciso considerar que para Lacan (1972–1973) as posições de homem e de mulher são construídas discursivamente, e que não constituem um binário por não serem definições substanciais e se constituírem num jogo de linguagem. Para ele:

É que demonstra o discurso analítico, no que, para um desses seres como sexuados, para o homem enquanto que provido do órgão dito fálico - eu disse dito -, o sexo corporal, o sexo da mulher - eu disse da mulher, embora justamente não exista a mulher, a mulher não é toda - o sexo da mulher não lhe diz nada, a não ser por intermédio do gozo do corpo. (Lacan, 1972-1973, p. 14).

É importante ressaltar que, para Lacan (1972–1973), o que forma a sexualidade, ou seja, a combinação entre semblante, modalidade de gozo e tipo de fantasia é uma relação contingente. Por exemplo, um semblante feminino não exclui a possibilidade de um modo de gozar masculino, e vice-versa, sendo que esses modos de gozo não se anulam. Assim, tal combinação será determinada de acordo com o que a cultura organiza como gênero, a partir das versões imaginárias de masculinidade e de feminilidade, mas também conforme a relação que cada sujeito estabelece com o falo.

5 Contradições e Contribuições: Os Impasses entre Feminismo de Beauvoir e Psicanálise

Por caminhos tortos, viera a cair num destino de mulher, com a surpresa de nele caber como se o tivesse inventado. (Lispector, 1998)

Como pudemos constatar, a psicanálise freudiana, a teoria feminista de Beauvoir e a psicanálise lacaniana encaram e elucidam a formação da mulher de maneiras singulares e distintas. Em meio ao grande debate entre psicanálise e feminismo, que surge em 1920 e se intensifica nas décadas de 60–70, destacam-se críticas a aspectos centrais da teoria psicanalítica, sobretudo a superioridade masculina possivelmente observada na teoria de Freud (1933), exemplificada pela relevância que a dita inveja ao pênis teria na construção da subjetividade da mulher.

É inegável que Freud partilhava de certos preconceitos de sua época, mas é certo também que o autor foi um dos primeiros estudiosos a escutar mulheres, o que se iniciou a partir do caso de histeria de Srta. Elisabeth von R., datado de 1892. O precursor da psicanálise por vezes demonstrou ter um pensamento a frente de seu tempo, constatando, por exemplo, em 1933, que feminino e masculino seriam qualidades mentais, mas, contraditoriamente, em toda sua teoria da sexualidade,

considerou também que as meninas possuem um desenvolvimento inicial dito masculino, alocando o feminino em um segundo plano de desenvolvimento. O fato é que, a psicanálise freudiana, elaborada durante anos de estudo e prática clínica, subverte a ideia de sujeito universal, mas ainda assim não questiona o fato desse sujeito universal ser branco, europeu, burguês e do sexo masculino, e essa é por si só uma grande questão para o feminismo.

Apesar de posicionamentos distintos em seus discursos, em alguns momentos os pensamentos de Freud e Beauvoir se aproximaram, principalmente porque ambos compartilhavam um de seus principais objetos de estudo: o desenvolvimento da mulher. Freud (1933), apesar de dedicar anos de estudos a polaridade masculino-feminino, chegando a importantes constatações teóricas acerca do desenvolvimento feminino, afirmou que ainda assim não seria possível para a psicanálise descrever o que é uma mulher, sendo esta uma questão que elas mesmas deveriam solucionar ao desvendar os impasses presentes nesse desenvolvimento.

Cerca de duas décadas depois, Beauvoir, ao anunciar seu famoso aforisma “Não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 1949, p. 11), vai ao encontro das considerações freudianas sobre a mulher, no entanto, levando o debate a outro patamar, deslocando a questão da submissão a disposições pulsionais para pensamentos que giram em torno das concepções sociais. A autora, ao dizer dessa inexistência de uma delimitação natural do ser mulher, amplia a discussão, mostrando que não há destino psíquico ou biológico que dê contorno ao que se qualifica como mulher e que a inferioridade feminina é algo construído socialmente, sendo intrinsecamente apoiada por aqueles que rodeiam a menina desde sua infância.

Enquanto para Freud (1933) a sexualidade feminina é um enigma, para Beauvoir (1949) a mulher seria construção social. Com o desenvolvimento da psicanálise, Lacan (1972–1973) levou a discussão sobre o feminino para além do que havia sido considerado até então; a partir da teoria lacaniana a mulher seria, então, impossível de se traduzir pela linguagem, seria o desconhecido, o indizível.

Conforme o que é exposto na teoria de Lacan (1972–1973) o foco dos estudos a respeito do feminino não estaria no tornar-se mulher, mas em como cada mulher cria a sua feminilidade e se torna singular. Quando o autor ressalta a não existência d'A mulher, as regras quanto à maneira de lidar com as questões femininas sofrem modificações; com a falta da existência de um modelo de mulher a ser seguido abre-se espaço para a liberdade de que, enfim, cada uma possa buscar sua própria maneira de lidar com o ser mulher. Tal colocação teórica lacaniana vai também ao encontro

com certas considerações de Beauvoir (1949), que em *O Segundo Sexo*, diz da necessidade de liberdade e reinvenção da mulher.

Assim, por meio dessas convergências e disparidades abordadas, se faz possível perceber que a psicanálise e o feminismo de Beauvoir são discursos que correm como ondas, que nem sempre se encontram, mas que em determinados momentos se aproximam. O fato é que, apesar de historicamente as teorias feministas e as psicanalíticas serem colocadas como ambíguas, em diversos momentos é perceptível que as mesmas consideram o feminino como algo indeterminável.

6 Considerações Finais

Por meio das revisões narrativas de literaturas feitas no presente trabalho, se faz perceptível que a psicanálise e o feminismo de Beauvoir, apesar de terem embates significativos, em diversos momentos se encontram ao se debruçar sobre uma mesma temática: a mulher e sua constituição. Como abordado, apesar das inúmeras contribuições e avanços teóricos, a psicanálise freudiana foi muito contestada por se desenvolver com base em aspectos biologicistas, priorizando, inicialmente, diferenças sexuais anatômicas. Freud, apesar de apresentar o corpo como uma construção inconsciente e irrestrita, em seus estudos sobre a sexualidade feminina-masculina, considerou a mulher um ser de desenvolvimento complexo e enigmático, que, quando comparado ao masculino, tem características menos fortuitas. Ao abordar a teoria falocêntrica de forma pouco clara, Freud deixou espaço para intensas críticas feministas.

Beauvoir, ao desenvolver seus estudos acerca do ser mulher, questiona justamente as limitações da ideia biologicista e descreve a mulher como resultado de uma formação cultural pouco igualitária, questionando sua submissão social e dando voz à luta pelos direitos que ainda não haviam sido alcançados. Lacan, ao retomar os estudos freudianos e reformular a teoria da sexualidade, leva a discussão à outra escala, descartando o biológico como determinante e considerando o pulsional. Para Lacan, a mulher seria indizível, algo que a linguagem não dá conta de alcançar, e por isso, é livre para encontrar significantes singulares. Tais pontuações se aproximam da ideia de liberdade do feminismo.

O encontro, em meados de 1920, entre a teoria psicanalítica freudiana e a eclosão do feminismo, assim como o embate do movimento feminista francês com a teoria psicanalítica lacaniana nos anos 60–70, geraram inúmeras discussões que afetaram os dois estudos, trazendo à tona questões relacionadas não só ao significante mulher, mas também implicações ético-políticas,

o que influenciou diretamente o desenvolvimento das teorias e suas posições atuais. Apesar dos distanciamentos, um ponto em que as teorias parecem corroborar é que um sujeito, para além da presença ou ausência de determinado órgão sexual, deve dispor de liberdade para desenvolver sua sexualidade. Além disso, se aproximam de forma considerável ao entender o feminino como algo indefinido, que se constrói de maneira singular e dispõe de nomeações.

Faz-se notável que a psicanálise freudiana e o feminismo, apesar dos conflitos, não se anulam. Porém, é perceptível também que os desdobramentos da teoria feminista aqui abordada estão mais próximos da teoria lacaniana, visto que para Lacan a mulher é o indeterminado, livre para encontrar seus significados, e masculino e feminino são semblantes, algo da ordem do fazer e não do ser, o que reafirma a ausência de uma definição do feminino.

O encontro entre a leitura clínica da psicanálise e a leitura política do feminismo exposto neste trabalho está longe de esgotar as possibilidades teóricas que buscam descrever e/ou determinar a mulher, mas traz uma união das elaborações de tais teorias acerca do feminino, considerando suas convergências e desencontros como embates determinantes para o desenvolvimento da psicanálise e dos feminismos atuais. Com o desdobrar dos anos, as teorias se tornam mais amplas e menos restritivas, o que é notável na teoria lacaniana, que procura estruturar os estudos freudianos trazendo a constituição da mulher para um lugar mais contemporâneo, com certa proximidade das considerações feministas, em que a mulher dispõe de liberdade para ser o que é: singular e indizível.

Referências

- Beauvoir, S. (1949). *O segundo sexo. Vol. I: Fatos e mitos*. (3a. ed.). Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (1949). *O segundo sexo. Vol. II: A experiência vivida*. (3a. ed.). Nova Fronteira.
- Cossi, R. K. (2006). *A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo*. [Tese de doutorado] - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Freud, S. (1905). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: S. Freud. *Um caso de histeria, três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos*. (pp. 117-127). Imago.
- Freud, S. (1912-1913). Totem e Tabu. In: S. Freud. *Totem e Tabu; contribuições à história do movimento psicanalítico e outros textos*. (pp. 13-194). Imago.

- Freud, S. (1924). A dissolução do complexo de Édipo. In: S. Freud. *O ego e o id e outros trabalhos*. (pp. 189-199). (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, Vol. 19). Imago.
- Freud, S. (1926). A questão da análise leiga: conversações com uma pessoa imparcial. In: S. Freud. *Um estudo autobiográfico; inibições sintomas e ansiedade; a questão da análise leiga e outros trabalhos*. (pp. 173-148). Imago.
- Freud, S. (1931). Sexualidade feminina. In: S. Freud. *O futuro de uma ilusão; o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. (pp. 229-251). Imago.
- Freud, S. (1933). Conferência XXXIII - Feminilidade. In: S. Freud. *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise e outros trabalhos*. (pp. 113-134). Imago.
- Fuentes, M. J. S. (2009). *As mulheres e seus nomes: Lacan e o feminino*. [Tese de Doutorado] - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.
- Garcia, C. C. (2011). *Breve história do feminismo*. Claridade.
- Horney, K. (1926). *A fuga da feminilidade*. In K. Horney, *Psicologia feminina*. Bertrand.
- Irigaray, L. (1985). *The Sex which Is not One*. (C. Porter & C. Burke, Trad.). Cornell University Press.
- Jones, E. (1901-1919). A maturidade. In: E. Jones. *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Imago.
- Kehl, M. R. (2007) *Deslocamentos do feminino*. (2a ed.). Imago.
- Lacan, J. (1959-1960). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1958). *A significação do falo*. In: *Escritos*. (pp.692-703). Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (1972 - 1973). *O seminário. Livro 20: Mais, ainda*. Jorge Zahar Editor
- Tiburi, M. (2018). *Feminismo em comum: para todas, todes e todos* (7a ed.). Rosa dos Tempos.

Sobre as autoras

¹ **Julia Bertoni Guagneli** | juliabertonig@gmail.com | Psicóloga clínica graduada pela Universidade do Estado de Minas Gerais, campus Divinópolis.

² **Thayná da Silva Calderaro** | thayna_calderaro@hotmail.com | Psicóloga clínica graduada pela Universidade do Estado de Minas Gerais, campus Divinópolis.

Recebido em: 27/07/2021

Aceito em: 29/11/2021